



Aproximações de que? In: *L'infra-ordinaire*. Paris: Le Seuil, 1989.

Georges Perec (1932-1986) escritor francês, membro do grupo de escrita Oulipo. Seu texto é marcado pela experimentação e imposição de regras que jogam com a literatura e muitas vezes, com a matemática. Tradução para o português: Mariana Silva da Silva.

Do que estamos falando, me parece, é sempre do evento, do inusitado, do extraordinário: cinco colunas na frente, grandes manchetes. Os trens somente começam a existir quando algum descarrilha, e quanto mais viajantes mortos, mais trens existem; aviões só adquirem existência quando são sequestrados; os carros têm como único destino gerarem reclamações: cinquenta e dois finais de semana por ano,

cinquenta e duas estatísticas: tantas mortes e tão melhor para a informação se os números não param de aumentar! Deve haver por trás do evento, um escândalo, uma fissura, um perigo, como se a vida somente se revelasse através do espetacular, como se o interessante, o significativo sempre fosse anormal: cataclismos naturais ou reviravoltas históricas, conflitos sociais, escândalos políticos ...

Em nossa precipitação para medir o histórico, o significativo, o revelador, não deixemos de lado o essencial: o verdadeiramente intolerável, verdadeiramente inadmissível: o escândalo não é o ¹grisu, é o trabalho nas minas. Os "males sociais" não são "preocupantes" em períodos de greve, eles são intoleráveis vinte e quatro horas em vinte e quatro, trezentos e sessenta e cinco dias por ano.

Os maremotos, erupções vulcânicas, torres em ruínas, incêndios florestais, túneis em colapso, a ²Publicis ³que queima e Aranda ³que fala! Horrível! Péssimo! Monstruoso! Escandaloso! Mas onde está o escândalo? O verdadeiro escândalo? O jornal diz: tenham certeza, vejam que a vida existe, com seus altos e baixos, você pode ver que coisas estão acontecendo.

Os jornais falam sobre tudo, exceto do dia a dia. Jornais me entediam, eles não me ensinam nada, o que eles dizem não me concerne, não me questiona nada, e sobretudo não responde às minhas perguntas ou aquelas que eu gostaria de perguntar.

O que realmente acontece, o que nós vivemos, o resto, todo o resto, onde está ele? Aquilo que acontece todos os dias e volta a acontecer a cada dia, o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infra-ordinário, o ruído de fundo, o habitual, como dar conta dele, como interrogá-lo, como descrevê-lo?

Interrogar o habitual. Mas, justamente, estamos acostumados com ele. Nós não o interrogamos, ele não nos interroga, não parece ser um problema, nós vivemos sem pensar, como se ele não transmitisse nem pergunta, nem resposta, como se ele não carregasse nenhuma informação. Não se trata nem mesmo de condicionamento, é a anestesia. Dormimos nossa vida em um sono sem sonhos. Mas onde está a nossa vida? Onde está nosso corpo? Onde está o nosso espaço?

Como falar destas "coisas comuns", como controlá-las melhor, como segui-las, arrancá-las da escória em que permanecem atoladas, como dar-lhes um sentido, uma linguagem: que falem, finalmente, do que são, do que somos.

Talvez se trate de fundar nossa própria antropologia: aquela que falará de nós, que irá procurar em nós o que há tanto tempo pilhamos dos outros. Não o exótico, mas o endótico.⁴

Interrogar o que parece tão evidente que esquecemos sua origem. Reencontrar algo do encantamento que poderia provar Jules Verne ou seus leitores diante de um aparelho capaz de reproduzir e transportar os sons. Pois este encantamento existiu, e milhares de outros, e são eles que têm nos moldado.

O que se trata de interrogar são os tijolos, o vidro, o concreto, nossas maneiras à mesa, nossos utensílios, nossas ferramentas, nossos usos do tempo, nossos ritmos. Interrogar o que parece nunca deixar de nos surpreender. Nós vivemos, é claro, respiramos, é claro, nós caminhamos, nós abrimos portas, descemos escadas, sentamos em uma mesa para comer, deitamos em uma cama para dormir. Como? Onde? Quando? Por que?

Descreva sua rua. Descreva para um outro. Compare.

Faça um inventário de seus bolsos, sua bolsa. Pergunte-se sobre a procedência, o uso e o destino de cada objeto que você carrega.

Questione suas colheres de chá.

O que existe sob o seu papel de parede?

Quantos gestos são necessários para compor um número de telefone? Por que? Por que não se pode comprar cigarros em mercearias?⁵ Por que não?

Importa-me pouco que essas questões sejam aqui, fragmentárias, apenas indicativas de um método, mais de um projeto. É muito importante para mim que pareçam triviais e fúteis: é precisamente o que as torna tão, se não mais, essenciais do que tantas outras por meio das quais, em vão, tentamos capturar a nossa verdade.

- . 1 Nota de tradução: mistura explosiva de gás natural, metano, com oxigênio que ocorre naturalmente nas minas de carvão, sendo muito perigosa para a mineração.
- . 2 NT: *Publicis Groupe* é uma grande empresa francesa, multinacional, de publicidade. Em 1972, a sede na Avenida Champs Elysées em Paris, sofreu um grande incêndio.
- . 3 NT: Gabriel Aranda era um conselheiro ministerial francês que deu origem a um caso famoso (escândalo Aranda) também em 1972, ele foi denunciado por corrupção.
- . 4 NT: Endotismo como contrário do exotismo.
- . 5 NT: Na França, cigarros são vendidos em tabacarias.